

VOCALISMO: UMA BREVE ABORDAGEM NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Flágila Marinho da Silva Lima
Illa Pires Azevedo¹

94

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre o processo de vocalização no português brasileiro. Deste modo, objetiva-se explicar, teoricamente, alguns aspectos acerca do vocalismo no português do Brasil e, para tanto, apresentaremos, de forma sucinta, a evolução do sistema vocálico (do latim ao português). Pretende-se, ainda, expor algumas diferenças entre o português brasileiro e o português europeu no que tange às realizações vocálicas. A metodologia deste trabalho é de caráter bibliográfico com o aporte teórico da Linguística Histórica, mais precisamente com os autores: Mattos e Silva (2006), (2004); Câmara Jr. (1979); e Coutinho (1976).

Palavras-chave: Vocalismo. Português Europeu. Português brasileiro.

INTRODUÇÃO

A mudança linguística é um fenômeno recorrente nas variadas línguas humanas, e, considerando-se tantos os aspectos naturais como os sociais da comunicação, entendemos o sistema, do ponto de vista saussuriano, como uma instituição social, isto é, como instrumento que faz parte de uma sociedade e que, por isso, sofre uma ação coletiva dos seus falantes. Portanto, neste trabalho serão abordadas as mudanças e transformações ocorridas ao longo do tempo no sistema vocálico do português brasileiro. Consideramos, aqui, que os fonemas² também sofreram modificações e quedas ao passarem do latim para o português e que, conforme destaca Coutinho (1976), tais fenômenos podem ser verificados na trajetória de qualquer língua, quando se compara fatos de épocas distanciados. Para o referido autor, seria esta, inclusive, “a sorte dos vivos” (COUTINHO, 1976, p.101).

¹ Alunas de Especialização em Linguística e Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA (UEFS)

² Fonema, de acordo com a Gramática Reflexiva de Willian Cereja e Thereza Cochar, é a menor unidade sonora das palavras.

Vale ressaltar que, de acordo com Mattos e Silva (2006) para se chegar ao sistema vocálico do português arcaico foi de suma importância o conjunto de dados sobre o diassistema latino, este entendido como a língua latina na sua diversidade temporal, regional, social, estilística. Contudo, como não se dispunha, para a pesquisa mencionada pela autora, de dados diretos de falantes nativos, foram de fato as informações dos primeiros gramáticos do português Fernão de Oliveira e João de Barros que ofertaram valiosas informações para tais estudos. Como bem cita Mattos e Silva:

Entre esses suportes extremos no tempo, as informações dos primeiros gramáticos do português – Fernão de Oliveira e João de Barros - são dados significativos, mas sobretudo são informantes as representações gráficas da documentação remanescente e o que se possa depreender da rima e da métrica do Cancioneiro Medieval. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 3)

Ainda de acordo com a autora:

O exame da grafia variável documentada de um mesmo item lexical, relacionado ao étimo e às informações dos gramáticos a partir do século XVI, além da realidade atual, permitem inferir algumas afirmativas e outras suposições sobre o sistema fonológico e as realizações fônicas no período arcaico da língua.

A documentação poética é testemunho singular para se depreender aspectos referentes às realizações fônicas. A rima e a métrica sugerem algumas interpretações sobre elisões vocálicas, ditongos, hiatos, também sobre o timbre vocálico-aberto ou fechado, oral ou nasal. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 4)

Percebe-se, portanto, a partir do exposto, a importância do trabalho dos primeiros gramáticos nos estudos do português arcaico, tanto nas informações trazidas em suas gramáticas, como nas representações gráficas, inclusive das obras poéticas, pois as mesmas serviram para interpretações várias sobre as realizações vocálicas.

Entre as diversas vertentes teóricas dos estudos linguísticos, é a fonética histórica que se propõe a explicar em quais casos ocorreram essas mudanças e quedas. Ao estudo da evolução dos fonemas, ora classificados como vogais e consoantes, dá-se o nome de *vocalismo* e *consonantismo*, respectivamente, sendo o primeiro grupo o foco deste artigo.

Entende-se por vocalismo as realizações fonéticas que são produzidas por uma corrente de ar que, vinda dos pulmões, sai livremente pela boca. É sabido, assim, que as vogais possuem livre passagem do ar pela boca e que os fonemas vocálicos podem ser orais (o

ar sai exclusivamente pela boca) e nasais (o ar sai simultaneamente pela boca e pelo nariz). Logo, na evolução do sistema vocálico tinha-se no latim clássico um sistema de dez vogais, estas classificadas como longas e breves, e, na passagem para o latim vulgar, o traço de duração vocálica é perdido, restando apenas a distinção quanto ao timbre da vogal, o que as reduz a sete. Assim sendo, são estas sete vogais que hoje permanecem na língua portuguesa, representados pelos grafemas /a/, /e/, /i/, /o/, /u/ para os fonemas /a/, /e/, /ɛ/, /ɪ/, /o/, /ɔ/, /u/.

1. A EVOLUÇÃO DO SISTEMA VOCÁLICO

Na transição para o português, pode-se dizer que os fonemas vocálicos evoluíram diversificadamente, o que se justifica, consoante Coutinho (1976), pela quantidade latina ou pela posição diferente que estes fonemas ocupavam em uma palavra. Em latim, quantitativamente falando, as vogais totalizavam-se em dez e eram classificadas como longas e breves, mas vale ressaltar que, na emissão das primeiras, o falante gastava o tempo equivalente ao de duas breves. As vogais longas, cinco ao total, eram representadas pelo símbolo “#” chamado *macron* e as vogais breves, também cinco, pelo símbolo “(” chamado *bracquia*, o que resultava na seguinte representação: /α#/, /α(/, /ɛ#/, /ɛ(/, /ɪ#/, /ɪ(/, /o#/, /o(/, /ɔ#/, /ɔ(/.

Ainda segundo o autor supracitado, é a partir do século I que aparece a instabilidade no valor quantitativo das vogais, no latim vulgar. Nos séculos posteriores, essa confusão aumenta, resultando no desaparecimento do traço de quantidade: as vogais átonas desaparecem primeiro (século III e IV), posteriormente as tônicas (século IV, V, VI).

Pois bem, tendo o traço quantidade desaparecido, as vogais passaram a ser diferenciadas pelo timbre ou abertura vocálica, entre as vogais médias posteriores e anteriores; contudo o acento tônico foi mantido, acresce Coutinho (1976).

Para Câmara Jr. (1979), o sistema vocálico do latim era definido como o triângulo de vogais cardiais, ou seja, uma vogal central baixa /a/, duas anteriores /e/, /i/, e duas posteriores /o/, /ɔ/. No entanto, a realidade fonológica era bem mais complexa, pois cada uma dessas vogais se desdobrava em duas e, portanto, a quantidade fazia de cada vogal um par opositivo de longa versus breve, que, por sua vez, não era diferenciada na ortografia usual, apenas em determinadas condições de uso, como, por exemplo, na métrica. Somando-se a isso, no latim clássico, a quantidade tinha função distintiva, que posteriormente fora eliminada,

estabelecendo-se três quadros diversos para as vogais: tônicas, pretônicas, pósônicas (ou átonas finais).

É importante salientar que, os primeiros gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros trouxeram, em seus trabalhos, reflexões acerca das realizações vocálicas. Em suas gramáticas *Grammatica da linguagem portuguesa* de 1536 e *Grammatica da língua portuguesa* de 1540, eles propunham letras diferentes para a distinção do timbre de “a grande” do “a pequeno”, do “e grande” do “e pequeno”, do “o grande” do “o pequeno”, o que resultava em um sistema de oito grafemas para a vogais. Fernão de Oliveira, em sua gramática no capítulo VIII, exemplifica tal representação:

<i>a grande</i>	<i>a pequeno</i>	<i>ε grande</i>	<i>e pequeno</i>	<i>ω grande</i>	<i>o pequeno</i>
<i>Almada</i>	<i>alemãha</i>	<i>fεsta</i>	<i>festo</i>	<i>fermωsos</i>	<i>fermoso</i>
Quanto ao < i > e < u > diz, em outra passagem, não haver “diversidade” na sílaba tônica, “sempre são grandes”.					

Em uma análise fonológica moderna com Clarinda Maia (1986) e Paul Teyssier (1982) *apud* Mattos e Silva (2006) sabe-se que a distinção entre os dois timbres de /a/ é apenas fonética, de tal modo, o /a/ pequeno é condicionado pela consoante nasal que se segue, e o /a/ grande em qualquer outro contexto. Assim, não se sabe ao certo se existia uma distinção fonética entre o /a/ aberto e o /a/ fechado, mas se pode afirmar que não havia distinção fonológica. Atualmente, a distinção de timbre do /a/ se faz presente no português europeu. Entretanto, em relação às vogais médias anteriores e posteriores a distinção de timbre é fonológica, nesse caso gera, sim, uma oposição, como se verifica nos exemplos de Fernão de Oliveira, como em: $f\epsilon\sigma\tau\alpha$: festo

Para Mattos e Silva (2006), além desses documentos gramaticais, existem as rimas da poesia medieval, mais precisamente as correspondências históricas sistemáticas que ajudam a elucidar, apesar das exceções, o sistema vocálico do latim ao português. Logo, as fontes documentais e, sobretudo, o estudo comparado das línguas derivadas do latim, contribuíram de modo significativo para o entendimento de tal evolução vocálica. Como ilustração, a autora sugere a seguinte tabela das vogais tônicas no latim clássico e no latim vulgar:

Lat. Clássico	i#	i(ε#	ε(α# α(ο(ο# ο(υ#
Lat. Vulgar	i	e	E	a	ɔ	o	u

Sendo assim, é perceptível que das dez vogais no latim clássico, ficaram apenas sete no latim vulgar. Acrescidos a estes itens vocálicos há, também, a passagem dos ditongos /ae/ e /oe/ para, respectivamente, a /E/ e /e/. Destarte, tem-se a regra geral do sistema vocálico do latim ao português, perde-se o traço de breves ou longas e fica, então, o traço do timbre (aberto ou fechado).

A título de maior compreensão no que se refere à longevidade e brevidade das vogais no período clássico e como estas ficaram no latim vulgar, e, conseqüentemente no português, lança-se mão de alguns exemplos a seguir, ainda de acordo com Mattos e Silva (2006):

Lat. Cl.	Lat. Vulgar	Latim	Português
/i#/	/i/	φ i#χυμ	Figo
/i(/	/e/	σι(τυμ	Sede
/ε(/		αχε#τυμ	Azedo
/οε/		ποεναμ	Pena
/ε(/	/E/	τε(ρραμ	Terra
/αε/		χαεχυμ	Cego
/α#/	/a/	αμα#τυμ	Amado
/α(/		λα(τυμ	Lado
/ο(/	/ɔ/	πο(ρταμ	Porta
/ο#/	/o/	αμο#ρεμ	Amor
/υ(/		βυ(χχαμ	Boca
/υ#/	/u/	πυ#ρυμ	puro

Não obstante, essa regra geral não conseguia explicar todos os casos no uso da língua, tendo em vista a sua dinamicidade e as interferências dos seus falantes, pois logo se constatavam as exceções, prova de que estas sempre existiram na história da língua. De acordo com os estudiosos como Mattos e Silva (2006), determinados contextos fonéticos atalharam a atuação de tais regras e as gramáticas históricas sugerem algumas explicações sendo elas: fonéticas, analógicas, de empréstimos decorrentes de contatos interdialeto e interlinguísticos. Um caso muito comum é o de natureza assimilatória, processo pelo qual a vogal tônica assimila o traço da vogal final (ex: *isto* por *esto* / *tudo* por *todo*) Esses exemplos foram encontrados na grafia de documentos antigos, o que evidencia tal fenômeno. Com relação às vogais médias, é apresentado um grau maior de dificuldade, visto que são representadas pela mesma grafia, assim é difícil determinar o momento em que se dá a metafofia de /E/ para /e/ e vice e versa, como em: lat. m/ε(/τυ > port. m/e/do e lat. mo/ε#/ta > port. mo /E/da. Assim, esses casos só vêm demonstrar os processos metafônicos que já atuavam na língua criando as exceções à regra geral.

2. VOCALISMO: COTEJANDO O PORTUGUÊS BRASILEIRO E PORTUGUÊS EUROPEU

É fato que existem divergências entre a língua portuguesa falada na Europa (PE) em relação a do Brasil (PB). É perceptível, ao observamos um falante do português brasileiro e outro do português europeu conversando, diferenças entre as “línguas portuguesas”, sobretudo no que diz respeito à prosódia. Logo se nota os diferentes “sotaques”. Na lição de Matos e Silva (2004, p. 118):

Ao ouvir um brasileiro e um português, algum estrangeiro, ou mesmo um brasileiro ao ouvir um português e vice-versa, a primeira impressão que se instala é a da diferença do *sotaque*, vocábulo da linguagem corrente, que caracteriza a *pronúncia*, também vocábulo da linguagem corrente, diferenciadora do brasileiro em relação ao português. Esse *sotaque/ pronúncia* recobre distinções fônicas, tanto *suprasegmentais* ou *prosódicas*, interpretadas ainda imprecisamente, a meu ver, pelos linguistas, como diferenças fônicas segmentáveis, as realizações fonéticas próprias ao sistema vocálico e consonântico do português brasileiro e do europeu. (grifos da autora)

De um modo geral, ainda segundo a autora supracitada, no que tange às vogais em posição acentuada, a diferença entre o PB e o PE está na oposição conhecida do /α/ : /a/, vogal central recuada e não recuada, respectivamente, bastante conhecida na oposição que os

portugueses fazem entre a primeira pessoa do plural dos verbos na primeira conjugação, a saber: *trabalh / a / mos* para o presente e *trabalh / a / mos* para o pretérito perfeito ou ainda: sempre *p/ a /ra*, quer seja verbo, quer seja preposição, no português brasileiro e *p/ a /ra*, verbo, em oposição a *p/ a /ra* preposição, no europeu.

Com relação ao sistema vocálico não acentuado, Matos e Silva (2004) pontua que a diferença aparece com força, pois enquanto os brasileiros têm vogais pré- e pós- acentuadas bem perceptíveis / i e ε a o ɔ u /, os portugueses centralizam e/ou alteiam as não-acentuadas, as quais, por vezes, não conseguem ser percebidas pelo ouvido do estrangeiro e também do brasileiro: / i ɔ a u /. Outra diferença em relação à posição não acentuada é que, geralmente, os brasileiros têm / i a u /, os portugueses, por sua vez, / ɔ a u /. Nas palavras de Matos e Silva (2004): “São sistemas vocálicos, em termos descritivos estruturais, profundamente diferentes, que trazem efeitos prosódicos diferenciadores marcantes.”.

No português europeu tem-se / e /, / o /, / ε / e / ɔ / pretônicos, sendo que os dois primeiros resultam da redução dos ditongos / ɛ i / e / ou / e os dois últimos provenientes das chamadas crases históricas – *pr/ ε / gar* “fazer uma pregação” que se opõe a *pr / ɔ / gar* “utilizar um prego”; *c/ ɔ / rar* em oposição a *m /u / rar*. No Brasil, estes pares variam regionalmente, porém não acontecerá jamais a forma centralizada e alteada do português europeu, pontua Matos e Silva (2004).

A autora acresce que o que se chama de reduções vocálicas no português europeu faz com que o ouvinte estrangeiro tenha a impressão auditiva de que esse é mais consonântico e o brasileiro mais vocálico e que isto ocorre pelo fato de o português brasileiro enfraquecer as consoantes em posição final da palavra, o que no português europeu é bem articulado, como em: *anima/l/* no Português Europeu, no Brasil há a vocalização do /l/ final em /w/ o que resulta em uma pronúncia de *anima/w/*, e, ainda no Brasil há a realização fonética de *anim/a/*, suprimindo o /l/ final, esta, estigmatizada socialmente e mais comum nos dialetos rurais.

Pode-se dizer, ainda, que no Brasil articula-se claramente as vogais não-acentuadas, contudo enfraquecemos as consoantes finais, ao contrário do europeu.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sumariamente, pode-se dizer que o português brasileiro sofreu modificações desde a sua origem até constituir-se como tal. Dentre os diversos aspectos da história interna e externa

da língua portuguesa. Pontuamos, brevemente, neste trabalho alguns aspectos acerca do vocalismo.

Deste modo sendo, percebemos que o sistema vocálico passou por modificações desde a passagem do latim clássico para o latim vulgar, o que ocasionou no sistema de vogais hoje presentes no português brasileiro. E, que alguns pontos da história da língua evidenciaram esse processo de transformações acerca das vogais, inclusive, no que tange a sua redução de dez para sete. Fica claro, também, que as “exceções” às regras gerais sempre existiram e que a existência da metafoia e de outros contextos como os condicionamentos fonéticos quebraram as regularidades, permitindo os casos mais excepcionais.

Cotejando-se, pois, o latim com o português, chega-se à conclusão de que este possui um número maior de ditongos e diversas são as causas que concorrem para isso, destaca Coutinho (1976). A língua portuguesa manifesta uma acentuada tendência para evitar o hiato. Essa tendência se dá desde a fase arcaica. No latim popular, encontram-se eliminação do hiato.

Com relação ao português europeu e o português brasileiro percebe-se que, no Brasil não há distinção entre os timbres do /a/ (vogal central recuada) para os tempos verbais presente e pretérito na primeira conjugação, e, para tanto, o que se utiliza é tão somente o contexto do enunciado; enquanto que no português europeu tal distinção é evidente. De uma forma geral, em relação às vogais, nota-se que os brasileiros pronunciam as vogais com mais intensidade que os europeus, daí, dizer que são mais vocálicos enquanto que os europeus mais consonantais, o que fica evidenciado, inclusive, nas vocalizações das consoantes finais pelos brasileiros.

4. REFERÊNCIAS

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7ª Ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia. **O português brasileiro: sua formação na complexidade multilinguística do Brasil colonial e pós-colonial**. In: COSTA, Sonia; FILHO, Américo (orgs.). do português arcaico ao português brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2004.

_____. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.